



CÂMARA MUNICIPAL DE PIRASSUNUNGA

Rua Joaquim Procópio de Araújo, 1645 - Fone/Fax: (0195) 61.2811
Estado de São Paulo

REQUERIMENTO

Nº 386/98

APROVADO

Providenciado-se a respeito

Sala das Sessões, 09 de Dezembro de 1998

[Signature]
PRESIDENTE

Senhor Presidente,
Nobres Pares,

Matéria de importância impar, foi publicada na revista PANATHLON INTERNACIONAL, nº 03, mês de setembro de 1998, página 04, onde Dante Magnini, traça importantes análises sobre a atividade esportiva, que reputo de grande valia, se a filosofia defendida, fosse implantada na mentalidade de nossos jovens.

Conforme asseverou o Presidente do Colégio de Árbitros e de Garantia Estatutária, Perugia (6º Distrito), o esporte não visa tão somente a descobrir campeões, construir gladiadores, mas que além de lazer e desabafo, é antes de mais nada uma escola da vida, habituando o jovem a saber que aquilo que se obtém é proporcional àquilo que se dá e que cada coisa tem seu preço. Demonstrar que o esporte, serve para criar e educar um homem, para que possa dialogar como verdadeiros interlocutores, e não apenas como treinadores, professores, pais, pessoas às quais cabe a educação dos jovens.

O Esporte ainda serve para alertar e impedir os excessos e os desvios dos jovens da atualidade, devido talvez à ociosidade em que se encontram, passam a trilhar pelos caminhos tortuosos da vida.

Achei, portanto, nobres pares, muito interessante as considerações que traçou o Senhor Dante Magnini, sobre a concepção verdadeira da prática esportiva e, por tal razão, é que, solicito aos nobres pares, apreciem o presente requerimento, com o objetivo de encaminhar cópia da matéria para a Secretaria Municipal de Esportes, na pessoa do Senhor Secretário, Antenor José de Souza, para verificar a possibilidade de implantar a filosofia e Espírito PANATHLÉTICO, nos jovens esportistas de nossa cidade, através de propagandas e outros tipos de divulgação.

Sala das Sessões, 09 de Dezembro de 1998.

[Signature]
Carlos Alberto da Silva Tuckmantel

Vereador

[Multiple signatures and handwritten notes]
Aprova
VALDIR ROSE
Antenor José de Souza
Eugenio Espinosa

ESPÍRITO PANATHLÉTICO

de Dante Magnini *

Encontrando-me na posição de presidente do Colégio de árbitros e de Garantia Estatutária, considero um dever expor minhas convicções a respeito.

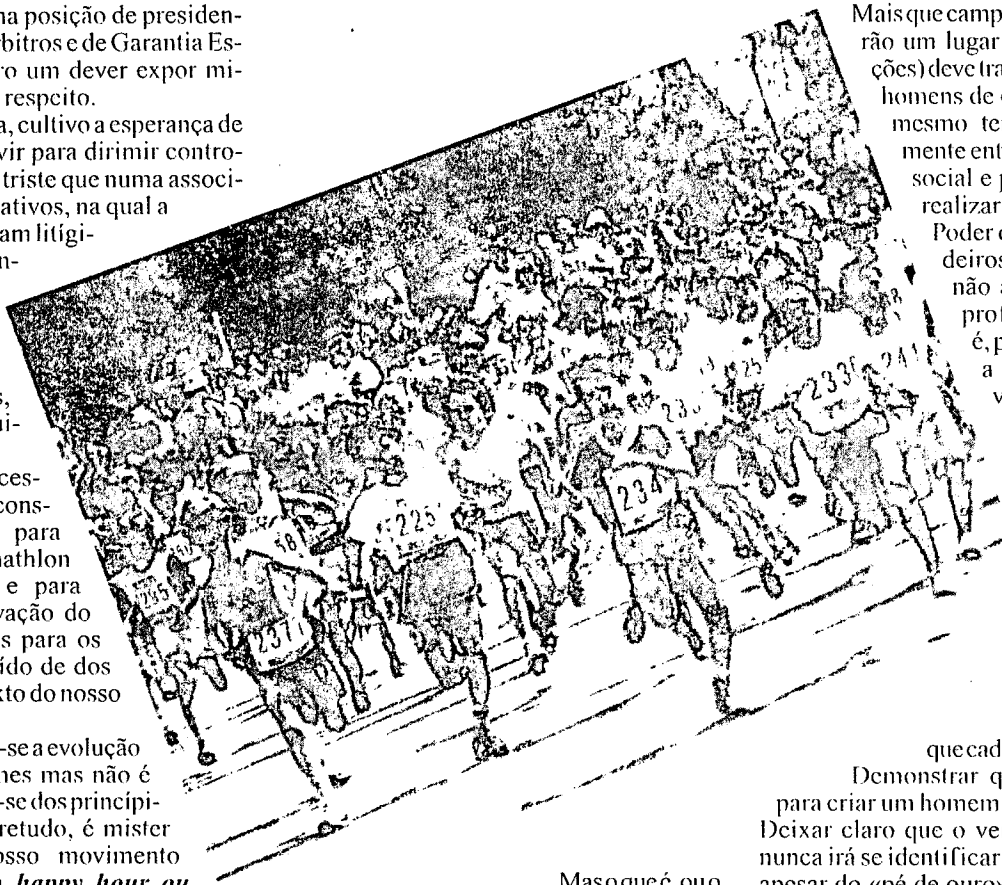
Antes de mais nada, cultivo a esperança de nunca dever intervir para dirimir controvérsias. E' sempre triste que numa associação sem fins lucrativos, na qual a adesão é livre, surjam litígios. E mais triste ainda se isto ocorre entre esportistas, isto entre homens que até podem ser simples, mas nunca mesquinhos.

Creio que seja necessário manter uma constante vigilância para evitar que o Panathlon saia dos trilhos e para garantir a preservação do espírito e dos fins para os quais foi constituído de dos quais derivou o texto do nosso Estatuto.

E' preciso adequar-se a evolução dos usos e costumes mas não é possível desgarrar-se dos princípios de base e, sobretudo, é mister evitar que o nosso movimento transforme-se em *happy hour* ou num *asilo de saudosistas*.

Quem teve a ventura de conhecê-lo não pode esquecer o espírito dos nossos fundadores: autênticos cavalheiros do esporte, capazes de perceber o seu significado mais puro e profundo. Inegavelmente um pouco elitistas também, a ponto de achar que pudesse ser fundado um só clube em cada município e um na capital. De fato, achavam que todos, especialmente sendo robustos, pudessem praticar atividades físicas, mas que nem todos fossem capazes de perceber o verdadeiro significado do esporte, que não é apenas lúdico ou competitivo, e nem de entender que o esporte não é tudo na vida de um homem, é apenas um componente necessário componente.

E' que o Panathlon não foi criado para gerar campeões, e sim homens melhores porque mais humanos física e moralmente. Mais entusiasmados, mais generosos e mais leais. O nosso é o que socialmente define-se como um clube de serviços.



Mas o que é, ou o que quer ser realmente?

O Panathlon já foi definido, um tanto enfaticamente, como uma «cátedra de filosofia do esporte»: sem exagerar, digamos mais simplesmente que procura demonstrar como o esporte pode ser uma escola de lealdade, tenacidade e sacrifício e deste modo educar os jovens para a vida.

Muitos de nós foram ou talvez ainda sejam dirigentes do Coni, de sociedades desportivas, de federações.

Como panathletas têm os nossos objetivos devem ser necessariamente diferentes, pois nos interessamos mais pelo homem que pelo atleta. E a esse respeito não é supérfluo lembrar como os nossos predecessores, tão preocupados em evidenciar as finalidades diferentes, nunca tenham procurado pelo contrário, tenham evitado obter contribuições por parte do Coni, embora mantendo com este Comitê um ótimo relacionamento. A questão é que, se quisermos dizer o que acontece, nós como

panathletas não podemos sentir entusiasmo ao ver um jovem que falta à escola, ao trabalho, enfim à preparação para uma vida vivida normalmente, para fazer com que melhorem um centímetro ou um segundo. Correndo o risco de decepcionarem-se. Justamente porque na vida o esporte é necessário mas não é tudo. Esta é a que estão. Para concluir, evitando mal entendidos, o Panathlon deve permanecer ancorado a alguns princípios que acredito serem mais ou menos estes. E mais estes.

Mais que campeões (que sempre terão um lugar em outras associações) deve trazer para suas filhas homens de esporte, mas que ao mesmo tempo sejam validamente entrosados no contexto social e portanto capazes de realizar os nossos objetivos.

Poder dialogar com verdadeiros interlocutores, e não apenas treinadores, professores e pais, isto é, pessoas às quais cabe a educação dos jovens.

Demonstrar que o esporte além de ser lazer e desabafo, é antes de mais nada uma escola de vida, habituando o jovem a saber que aquilo que se obtém é proporcional aquilo que de dá, e que cada coisa tem um preço.

Demonstrar que o esporte serve para criar um homem e não um gladiador. Deixar claro que o verdadeiro panathleta nunca irá se identificar com um Maradona, apesar do «pé de ouro», ou com um velho campeão que, não sabendo fazer outra coisa, volta a brigar.

E nem com os saudosistas. Convencer que o fair play no esporte não é convencionalismo, e sim um meio necessário para evitar que a competitividade embruteça. Alertar para que os excessos e os desvios, infelizmente cada vez mais frequentes nesse setor, não venham a desacreditar o significado do esporte na sua aceção exata.

Envolver nessa nossa ação todos aqueles que podem cooperar e, portanto, principalmente a imprensa e a televisão, é claro.

E enfim, evitar estresse e perda de tempo em busca de cargos sociais, conscientes que, no fundo, não são tão importantes assim.

Estar convencidos que, ao contrário, socialmente, o nosso empenho de panathletas é que é importante.

E que o espírito do Panathlon é ainda mais importante que o seu Estatuto.

(*) Presidente do Colégio de Árbitros e de Garantia Estatutária, Perugia (6° Distrito).